

JUVENTUDE PÉ NO CHÃO - Geração 2000

Eles trocaram a utopia pela realidade. Para mudar o mundo, os jovens acham que é preciso eleger melhor seus representantes políticos e se engajar em algum trabalho voluntário. Não planejam revoluções: querem transformar a si mesmos. Em pesquisa online realizada por Marie Claire e pelo site Diga-me, 958 jovens brasileiros entre 15 e 24 anos revelam que sua meta principal é a realização profissional, além de viajar, comprar um carro, casar e ter filhos. Eles, que já nasceram na era da camisinha, que não conheceram ditadura nem repressão sexual, acham que sexo é o que menos importa no relacionamento. Sem levantar bandeiras nem derrubar tabus, estão dispostos a fazer a parte deles para viver num mundo menos violento e desigual e mais solidário.

Eles nasceram no fim da era industrial e cresceram na era da informação. Não vivenciaram as convulsões dos tempos da guerra fria nem precisaram enfrentar a repressão da ditadura militar ou romper com a família para poder transar. Engatinhavam quando o sonho socialista já havia acabado e as mulheres conquistavam o mercado de trabalho. Chegaram à adolescência em planeta globalizado. Como protagonista dos novos tempos, a juventude do ano 2000 sonha viver em um mundo menos desigual e mais pacífico, as duas opções mais votadas pelos 958 jovens que responderam à pesquisa Marie Claire/Diga-me pela internet. São uma bela mostra da população de 15 a 24 anos, que, segundo o IBGE, soma 33 milhões de brasileiros. Essa "onda jovem", como é definida pelos demógrafos, vai durar pelos próximos 25 anos, período em que eles serão a maior parcela da população.

Essa maioria de jovens terá a chance de reverter aquilo que eles próprios consideram os principais problemas do mundo: para 68% deles, a violência é o primeiro da lista, disparado, seguida de corrupção e pobreza. A pesquisa mostra também que os jovens do ano 2000 são tolerantes com a diferença, mas bem mais conservadores que os revolucionários dos anos 60 e 70. Eles desfrutam da liberdade sexual e da democracia, mas dizem não às drogas. "Essa juventude tem uma postura mais cuidadosa consigo mesma e diante da vida e do meio ambiente, o que nos autoriza a olhar para o futuro com esperança", avalia o pedagogo Antonio Carlos Gomes da Costa, autor do livro "Protagonismo Juvenil" e consultor de várias instituições do terceiro setor.

Maiores vítimas da violência urbana, os jovens querem viver com mais qualidade. Um terço das mortes violentas no país vitima brasileiros com idade entre 15 a 24 anos, segundo o Mapa da Violência, divulgado pela Unesco. Um adolescente brasileiro tem 50 vezes mais chances de morrer e não chegar à idade adulta que seu colega da Noruega, Irlanda ou Espanha. De acordo com a pesquisa, as duas grandes alternativas que os jovens vêem para melhorar a situação é, em primeiro lugar, serem cidadãos honestos (44%) e, em segundo, fazer trabalho voluntário (33%). "Estão conscientes de que as mudanças precisam ocorrer em duas esferas: no coletivo e no individual", diz o sociólogo Marcelo Ferraro, analista de pesquisa do Diga-me.

Quando indagados sobre por onde começariam a mudar o mundo, 31% dos entrevistados responderam "Escolhendo melhor meus representantes", seguido de perto pela opção "Mudando a mim mesmo" (28%) e, em terceiro, "Fazendo trabalhos voluntários" (18%). "Quem quer mudar a si mesmo está propenso a abrir mão de privilégios", avalia o psiquiatra Márcio Amaral, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. "Além disso, eles ainda acreditam que apesar da corrupção a sociedade tem mecanismos para mudar o mundo." Eles surpreendem quando dizem não à opção "Eu odeio política": 67% discordam.

Os jovens brasileiros não estão esperando que as iniciativas partam apenas das instituições oficiais. Existem hoje no Brasil 250 mil voluntários, 70% deles são jovens. A estudante de Economia da USP Camila Mation, 21 anos, faz parte dessa turma e pretende trabalhar numa ONG quando se formar. "Acho que o terceiro setor vai crescer muito. As pessoas estão ficando cada vez mais conscientes e solidárias." Ela aprendeu a lição em casa. O pai atua em um projeto que distribui alimentos para famílias carentes numa favela. "Por tudo que me ensinaram, meus pais são as pessoas que eu mais admiro no mundo", diz Camila, que não acredita em ídolos. "Todas as pessoas têm defeitos." Há dois anos, ela se juntou a outros quatro colegas da USP e abriram seu próprio projeto comunitário, o Trajetória. Eles dão aulas de reforço para crianças e jovens de 11 a 18 anos. "A universidade fica muito na teoria, falta um contato real com a sociedade", avalia Camila.

Trata-se de uma geração mais pé no chão. Se nos anos 60 e 70 as grandes questões eram "Para onde vai a humanidade?" e "Capitalismo ou socialismo?", os jovens de hoje não têm mais a história como horizonte de ação, mas sim o cotidiano. Enquanto os hippies rompiam com a família, com o trabalho e com a educação formal, hoje eles querem casar e ter filhos, terminar a faculdade e ter sucesso profissional. Miguel Suarez, 24 anos, cursa Engenharia Mecatrônica na USP, mas pensa em virar monge budista. Prevaleceu a opinião dos pais de deixar para decidir depois de terminar a faculdade. "Primeiro tenho que me sustentar para depois ver o que fazer. Não posso sair fazendo o que quiser com o dinheiro deles", reavalia Miguel, querendo bancar os próprios sonhos. Enquanto isso, adota a filosofia zen-budista no seu dia-a-dia.

Os pais deles, jovens dos anos 60 e 70, não acreditavam em ninguém com mais de 30 anos. Hoje, quarentões e cinquentões, gostam de lembrar aos filhos como era bom o tempo em que a juventude era engajada e pregava "paz e amor". Mas, passadas três décadas, os jovens não são assim tão "alienados". Nem se sentem "inúteis", como dizia

o rock da geração 80. "É pretensão achar que houve retrocesso. Na verdade, houve um avanço extraordinário", diz o pedagogo Antonio Carlos Gomes da Costa, 51 anos. "Enquanto nós queríamos fazer a revolução, eles fazem trabalho voluntário. Querem transformar o que está ao alcance da mão, através do cotidiano."

De qualquer forma, as transformações geradas nos anos 60 não foram em vão. A garotada de hoje é contra a liberação da maconha (77%), mas assimilaram completamente bandeiras feministas: 97% acham que meninas devem ser educadas para liderança profissional. Na questão das drogas, a pesquisa mostra uma juventude ciente dos perigos: 80% disseram não à opção "Experimentar maconha pode ser uma coisa legal". Afirmam quase com unanimidade (86%) que "Drogas pesadas me assustam".

Dão exemplo de tolerância quando o assunto é opção sexual. Embora 87% tenham dito que não estão abertos a viver uma experiência homossexual, quase o mesmo percentual, 83%, aceita a opção de um amigo e 66% apóiam a união civil entre homossexuais.

(reportagem da revista Marie Clarie)